

**SABERES TRADICIONAIS E AS TRANSFORMAÇÕES NO OFÍCIO DAS
COSTUREIRAS EM SEUS ATELIÊS DE REFORMA NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA,
MINAS GERAIS, BRASIL**

***Traditional knowledge and transformations in the sewing craft of the
seamstress in their renovation workshops in the municipality of Viçosa,
Minas Gerais, Brazil***

***Saberes tradicionales y transformaciones del oficio de costurera y sus
talleres de alteración en el municipio de Viçosa, Minas Gerais, Brasil***

Clarissa Alves de Novaes

Mestra em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa

E-mail: clarissa.novaes@ifsudestemg.edu.br

Fabiano Eloy Atílio Batista

Doutorando em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa

E-mail: fabiano.batista@ufv.br

Áltera, João Pessoa, Número 15, 2023, e01502, p. 1-15

ISSN 2447-9837



RESUMO:

O presente trabalho tem como objeto de estudo os saberes das costureiras que residem na cidade de Viçosa (Minas Gerais) e que reformam e customizam peças do vestuário. Consideraram-se a construção de seus saberes e o desenvolvimento de seu trabalho com as novas tecnologias, ou seja, o aprendizado de novas máquinas que surgem no mercado. As pesquisadas foram costureiras que trabalham em ateliês no Centro de Viçosa, chefes de família e mães que aprenderam seu ofício por intermédio de um membro de sua família. Entende-se neste estudo que há uma transmissão de saberes, geralmente entre mulheres da mesma família, para que elas possam realizar costuras no âmbito doméstico e também para exercer uma profissão, podendo obter uma renda através desse trabalho. Com o término da pesquisa, foi possível perceber, no ambiente estudado, que o ofício, antes transmitido de geração a geração, hoje ainda é exercido, mas seguindo uma lógica de mercado segundo a qual, além do lucro, busca-se satisfação pessoal e profissional (embora não haja um vasto leque de novas adeptas).

PALAVRAS-CHAVE:

Saberes. Cultura. Trabalho. Costureira.

ABSTRACT:

The study focuses on the knowledge of seamstresses who reform and customize garments in the city of Viçosa (Minas Gerais). The article analyses the acquisition of their traditional knowledge and the changes brought about from learning and using new technologies, and machines. A survey was conducted with seamstresses who work in sewing ateliers in downtown Viçosa, who are mothers heads of families, and who learned their trade through a member of their family. It is understood in this study that there is a transmission of knowledge, generally between women of the same family, so that women can sew in the domestic sphere and also obtain an income through sewing as a profession. The findings shows that the trade continues being passed from generation to generation, although there is not a wide range of new adepts, it is still exercised following a market logic, where in addition to profit, personal and professional satisfaction is sought.

KEYWORDS:

Knowledge, Culture, Work, Seamstress.

RESUMEN:

El presente trabajo tiene como objeto de estudio el conocimiento de las costureras que viven en la ciudad de Viçosa (Minas Gerais) y que reforman y personalizan prendas. Se consideró la construcción de sus conocimientos y el desarrollo del trabajo de las costureras con las nuevas tecnologías, o sea, el aprendizaje de las nuevas máquinas que aparecen en el mercado. Las encuestadas fueron costureras que trabajan en talleres de costura en el centro de Viçosa, jefes de familia y madres que aprendieron el oficio a través de un familiar. Se entiende en este estudio que existe una transmisión de conocimientos, generalmente entre mujeres de una misma familia, de modo que ellas puedan realizar labores de costura en el ámbito doméstico y también ejercer una profesión, pudiendo obtener un ingreso a través de este trabajo. Al término de la investigación se pudo percibir que el oficio continúa pasando de generación en generación, si bien no existe una amplia gama de nuevas adeptas, se sigue ejerciendo siguiendo una lógica de mercado, donde además del lucro se busca la satisfacción personal y profesional.

PALABRAS CLAVE:

Conocimiento, Cultura, Trabajo, Costurera.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho, fruto de concepções desenvolvidos em uma pesquisa de mestrado (NOVAES, 2016), tem como objeto de estudo as competências das costureiras que reformam e customizam peças do vestuário na cidade de Viçosa (Minas Gerais).

Considerou-se para este estudo a construção de seus saberes de costura, no intuito de levantar tais questionamentos à interlocutora: com quem aprendeu o ofício? Passou seus conhecimentos adiante? Como era caracterizado o ofício antigamente e como é atualmente? Como ela construiu seus saberes relacionados à costura? Com essas perguntas, busca-se ampliar “[...] a necessidade de resgatar as dimensões esquecidas dos saberes chamados menores elevando-os à maioridade” (SANTOS, 2000, p. 294).

A valorização dos conhecimentos tradicionais e populares de determinado grupo tem significativa importância porque, além de acumular os saberes adquiridos ao longo do tempo, proporciona o fortalecimento e a difusão desses conhecimentos para a sociedade (KOVALSKI; OBARA; FIGUEIREDO, 2011).

Nesta pesquisa, abordaremos a aprendizagem como um processo intimamente relacionado com as práticas sociais, não contando apenas com uma mudança individual, e sim com um aspecto da prática social e os seus processos de reprodução e transformação (LAVE; WENGER, 1991; SANTOS, 2004). Para tanto, aspectos históricos, as relações das estruturas sociais e a localidade geográfica fazem parte deste estudo.

Pesquisas sobre o trabalho das costureiras revestem-se de relevância, porque as mulheres sempre estiveram envolvidas em atividades que nem sempre são reconhecidas, embora sejam consideradas essenciais para a sobrevivência e para a manutenção do bem-estar dos membros das suas famílias.

Para compreender a aprendizagem como um aspecto social, devem-se entender os processos psicológicos não do “eu”, mas sim do “meio” que capacita o sujeito a ter sua vida e desenvolver-se na sociedade. Nesse sentido, para Lave e Wenger (1991), a aprendizagem não é somente o aprender fazendo, mas compõe ou muda a participação do sujeito na prática social. Nesse sentido, as tecnologias que surgem ao longo da história da costura são um fator importante para as competências das costureiras.

Assim, estudaremos como o conhecimento passado por gerações através da costura se tornou, para as mulheres proprietárias de ateliês no Centro da cidade de Viçosa (MG), uma forma de trabalho e de geração de renda.



PERCURSOS METODOLÓGICOS

A análise de dados desta pesquisa foi realizada segundo o método qualitativo de estudo de caso. Sendo assim, a análise das entrevistas buscou preservar os registros de eventos e realizações passadas, permitindo que o pesquisador entendesse os fenômenos conforme as perspectivas dos participantes e da situação estudada. A partir desse ponto, construiu-se uma interpretação do fenômeno observado, que foi fundamentado no referencial teórico (MINAYO, 2007).

Para a organização do grupo de costureiras que participaram deste estudo, utilizaram-se os seguintes critérios: mulheres que chefiavam famílias; que tivessem pelo menos um(a) filho(a); e cujo aprendizado de costura tivesse sido, inicialmente, incentivado por membros de suas famílias. Ao todo foram identificadas dezoito pessoas que trabalhavam com costuras/consertos na cidade. Sete das dezoito costureiras iniciais preencheram todos esses requisitos. Outras quatro não dispunham de tempo para as entrevistas. Nesse sentido, para a realização deste estudo, a partir dos referidos recortes, somente três responderam aos critérios de seleção e aceitaram participar da pesquisa. Portanto, para a coleta de dados, utilizaram-se a entrevista semiestruturada e a observação direta. Por se tratar de um estudo mais aprofundado, escolheu-se intencionalmente, de acordo com as características de três costureiras, o bairro central.

Dessa forma, para o presente estudo, trabalhamos com três mulheres, conforme podemos verificar, de forma sucinta, na tabela a seguir.

Tabela 1 – Caracterização das entrevistadas

Caracterização Socioeconômica das Participantes da Pesquisa			
Critérios/Entrevistadas	Participante 1 Elis	Participante 2 Cristiana	Participante 3 Maria
Idade	45	45	55
Nível de Escolaridade	Fundamental Completo	Médio Incompleto	Fundamental Completo
Renda Mensal	R\$ 1.200,00	R\$ 900,00	R\$ 1.500,00
Renda Mensal Familiar	R\$ 2.200,00	R\$ 1.578,00	R\$ 2.500,00
Estado Civil	Casada	Casada	Divorciada
Bairro de Residência	Santo Antônio	Santa Clara	Serra Verde
Co-habitantes	2 filhos marido	2 filhos	1 filha 1 neta
Tipo de Residência	Própria	Própria	Própria

Fonte: NOVAES, 2016, p. 16.

O trabalho de campo durou seis semanas, foi realizado de segunda a sábado, sendo dois sábados para cada costureira. Contabilizou noventa horas em dois ateliês, o da Cristiana e da Elis; e 86 horas no ateliê da Maria.



Foram criadas categorias das visitas, realizadas nos locais de trabalho, e das perguntas feitas às costureiras. De antemão, observou-se que havia quatro características principais dessas costureiras: 1. a costureira que modelava e costurava; 2. a costureira que costurava a peça de vestuário por completo, mas não detinha o saber de modelagem; 3. a costureira que dominava apenas uma máquina e/ou tipo de costura; e 4. a costureira que fazia pequenos consertos e customizações e não tinha o saber para construir uma peça totalmente. Voltamos a campo para convidá-las a participar de nosso estudo, e as três costureiras aceitaram.

APRENDENDO O OFÍCIO DA COSTURA

A pesquisa realizada buscou entender como se aprendeu o ofício de costura no caso de cada uma das três participantes. Assim, quando perguntadas quanto à influência na sua carreira da mãe, da avó e da tia, elas responderam, com muita confiança e orgulho, contando sobre a lembrança da mãe costurando à máquina.

Aprendi a costurar olhando minha avó e minha mãe, que eram costureiras. Mas eu acredito em dom... Deus me deu esse dom da costura e aprendi muito rápido. Aos sete anos tive hepatite e fiquei de cama, minha mãe me dava tecido e eu costurava roupinhas para minha boneca. A minha tia eu via costurar, era a que eu via mais costurando, mas eu acho que é dom mesmo (Elis, 23 set. 2014).

Essas afirmativas corroboram com Charlot (2000), quando aponta que o aprender constitui a identidade do sujeito, construído socialmente, a maneira como ele irá se comportar no mundo e como ele observará esse último.

A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. [...] é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com 'o aprender' e o saber (CHARLOT, 2000, p. 80).

Esse saber tem uma relação com a identidade, com sua história, com o modo como o indivíduo compreende a vida, com a imagem que tem de si mesmo e com as relações que tem com os outros. Portanto, podemos dizer que os saberes são adquiridos nos espaços familiar, social, profissional e cultural.

Eu sou filha de costureira, sempre tive curiosidade, vai vendo, e, no ensinar, a gente aprende. Minha cunhada também me ensinou muito. Minha mãe me ajudava quando eu era pequena, fazia roupa de boneca. Minha mãe costurava em casa e ia à casa do freguês. Ela ia à casa das pessoas que tinham máquina e lá ela fazia o que eles queriam... às vezes a peça, às vezes uns consertos, mas era mais peça mesmo (Cristiana, 9 out. 2014).



O aprender tem relação com o saber. Sendo assim, cada sujeito ocupa um espaço e uma posição na sociedade. Pode-se dizer que essa relação de saber também é uma relação de poder, e somente quando algo tem interesse é que aquilo é apropriado e tornado pessoal e valoroso (CHARLOT, 2000; SANTOS, 2012).

Aprendi com minha mãe. Eu sou de uma família numerosa, de onze irmãos... então eu aprendi do jeito que dava, ficava observando, e quando minha mãe não tava na máquina, coisa rara de acontecer, e eu também tinha tempo, porque também não podia ter muito tempo livre. Minha mãe tava na máquina, ou no fogão, ou lavando roupa, e eu cuidando dos meus irmãos mais novos. Não tinha tanto tempo, mas quando tinha tempo, um pouquinho que era, eu ia lá na máquina rapidinho e passava um paninho na máquina. Às vezes minha mãe me deixava com um pano que não era trabalhoso e era lá de casa, pra eu passar a costura... mas aí minha cunhada, depois que eu casei, me ensinou mais, era bonito ela costurando, caprichosa demais, precisa de vê... e tive aula com uma professora chamada Dona Luzia, e foi por uns cinco meses (Maria, 5 nov. 2014).

O interesse por trabalhos manuais é apontado pelas costureiras como uma forma de inicialização. Pelo gostar e pelo aprender a costurar, as participantes afirmam que iniciaram com a costura à mão: Elis fazendo roupinhas para boneca e logo após aprendendo o uso da máquina reta; Maria fazendo panos de prato com a avó e a tia; Cristiana bordando as fraldas, toalhas e roupinhas da filha quando estava grávida. Elis e Maria tiveram desde a infância um interesse pela costura, já Cristiana o desenvolveu quando engravidou. O uso e o manuseio das máquinas overloque¹ e galoneira foram aprendidos com a prática, em seus próprios ateliês, e, no caso de Cristiana, em máquinas de colegas, pegando retalhos e treinando em cada máquina. Cristiana não tem em seu ateliê a máquina galoneira e sente muita falta desse maquinário, já que entende a necessidade de um bom acabamento nas roupas. Ela não sabe manusear muito bem a máquina, já que a utilizou apenas em uma confecção onde sua irmã trabalhava.

Como se vê, o aprendizado dessas mulheres foi obtido antes de entrarem no mundo do trabalho remunerado, realizando costuras para sua família, paralelas ao envolvimento em outras atividades domésticas.

Sendo a prática o segundo ponto destacado pelas costureiras, o cotidiano delas é de aprendizagem e desafio. A curiosidade e o empenho por descobertas são citados, assim como o sonho de criar suas próprias peças. O conhecimento é acumulado ao longo do tempo, ligado à prática, aos valores, à cultura, às vivências e às experiências. Todas fizeram algum curso de corte, costura, moldes e modelagem, mesmo já sabendo costurar. As participantes dizem que, com o curso, a confiança aumenta, e elas se sentem mais capacitadas, mas que somente na prática é que real-

1 Overloque é uma máquina de costura industrial, que costura ao mesmo tempo em que realiza o acabamento das bordas, para que estas não se desviem.



mente se aprende.

Essas máquinas todas², eu aprendi sozinha! Vi uma vez e depois fui treinando! Só com treino mesmo pra gente saber, senão não pega nada, se ficar olhando. Quem olha e não faz, não aprende nunca, tem que ser na prática! Aí eu fui com a coragem que Deus me deu, todo dia aprendendo uma coisa e praticando, até que eu vi que já sabia resolver aquilo, e pronto, já sabia me virar (Elis, 19 nov. 2014).

Dessa forma, de acordo com Sennet (2012), ideia e prática caminham juntas. Lave e Wenger (1991) apontam que, graças à preocupação e à paixão por determinado assunto, aprofunda-se o conhecimento e especializa-se na área, por haver a interação contínua.

Há o que é a prática, né. Minha filha mais nova, eu lembro que tava fazendo 9 anos e tava me pedindo roupa pra passear na casa das amigas. Queria ir arrumada e já sabia o que queria! Lembro disso direitinho. Aí depois um colega meu me levou pra confecção dele e foi lá mesmo que aprendi, porque eu treinei, e era aquilo todo dia, e lá que eu perdi o medo... Eu tinha medo de cortar o pano e estragar a roupa, e lá na confecção eu perdi o medo sabe? Assim que a gente aprende, é no dia mesmo, nada como um dia após o outro pras coisas melhorarem né? No trabalho e na vida (Maria, 20 nov. 2014).

A prática do treinamento assinalada por Sennett (2012, p. 49) é considerada por ele um processo de capacitação, pois “à medida que uma pessoa desenvolve sua capacitação, muda o conteúdo daquilo que ela repete”. Com isso, a autocrítica do que está sendo feito ocorre de dentro para fora na rotina.

Fiz um curso de corte e costura, mas a mulher fazia o que nem eu fazia, nas revistas manequim! Aí pra mim não adiantou muito não, porque aquilo eu já sabia! Fiquei uns seis meses no corte e costura e pensei: não tô aprendendo nada! Aí eu saí e fui praticar, sabe? A gente vai fazendo, fazendo até ficar bonitinho, ajeitadinho e a gente vê que deu certo! É assim, todo dia fazendo um pouquinho que a gente melhora nesse serviço, e dá gosto de ver cada dia uma coisa mais bonita que a outra e ver que eu que costurei bonito daquele jeito, e a cliente saiu satisfeita com aquilo (Cristiane, 24 nov. 2014).

A ligação com o saber se dá nas relações com quem sabe, especialmente no trabalho. Aquele que possui o saber transfere para quem está ligado a ele pela história, por interesses e projetos. As costureiras elaboram os saberes que não são configurados como uma forma de se manter no mercado de trabalho, indo além de uma tentativa de evitar o desemprego. Seus saberes envolvem conhecimentos técnicos e são parte do processo de produção, não se limitando ao espaço de trabalho, abrangendo outras esferas (ROSE, 2007).

2 As máquinas às quais Elis se refere são a reta, a overloque e a galoneira.



Os trabalhadores adquirem saberes nas práticas cotidianas, no processo de trabalho, na escola ou em cursos de aperfeiçoamento, para desenvolver suas atividades e resolver os problemas que surgem. Esses saberes interagem entre si e são necessários ao processo de produção. Mais do que isso, os trabalhadores elaboram saberes que formam conhecimentos técnicos importantes na sua qualificação (ME-NEZES, 2010; SANTOS, 2012).

Com relação a passar os saberes da costura para outra pessoa, todas foram unânimes em responder positivamente a pergunta, sendo que Maria e Elis já deram aulas particulares para outras mulheres que buscaram esse conhecimento. Já Cristina passou seu saber sobre costura apenas à filha, e destaca que ela não leva esses ensinamentos adiante, por falta de interesse. Por fim, cabe observar que todas as entrevistadas disseram que iniciaram o trabalho em seus ateliês quando os filhos já estavam maiores.

TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO DE COSTUREIRA

Nota-se um diferencial entre os maquinários da Primeira Revolução Industrial e os do século XXI, devido ao desenvolvimento de tecnologias que ajudaram a melhorar a forma de trabalho nos ateliês. Em seus relatos, as costureiras mencionaram que na década de 1990, quando elas iniciaram o trabalho remunerado de costura, a condição para se adquirir uma máquina era muito difícil. Além disso, houve uma mudança na forma de trabalho das costureiras, pois a confecção de peça inteira costumava ser o pedido mais frequente dos consumidores. Com a abertura dos grandes magazines e com a facilidade em comprar roupas, a reforma e a customização das peças atualmente representam a maior demanda.

Comecei a ganhar dinheiro com a costura com 20 anos! Eu queria fazer roupa pra mim, mas acabou que eu vim trabalhar com costura para os outros, porque eu tinha uma maquininha caseira e minha patroa tinha aquelas industriais na loja dela. Aí o que aconteceu: comecei a trabalhar com uma pessoa e depois vim pra cá que eu dei conta de comprar as máquinas que parece que ficaram mais fáceis de comprar... divide e vai pagando com o que vai receber do meu trabalho. Faz nove anos que tenho este ateliê... mas fazia reforma em casa pros meus vizinhos na maquininha caseirinha mesmo (Elis, 14 nov. 2014).

Para Silva (2003), a tecnologia está associada à prática, aos novos produtos e à relação com todo o meio de produção, o que exige uma atualização constante do saber. O desenvolvimento de produto que gera comercialização é considerado uma tecnologia, por envolver conhecimento, prática e materiais. As costureiras trabalham com máquinas



e, em seu cotidiano, se adaptam às novas mudanças e às necessidades que o mercado lhes impõe. Além de aprenderem a lidar com novos maquinários, mostram-se preocupadas em seguir as tendências de mercado, adquirindo, a cada dia, novos saberes.

Só fui aprender a usar a máquina industrial aqui no ateliê! Antes eu fazia com a caseira mesmo, mas dá uma diferença muito grande, fica mais bonito o trabalho... é que nem eu te disse outro dia, da galoneira que a gente vai comprar, né? Tem que ter coisa boa pra trabalhar e coisa nova que deixa os clientes satisfeitos com o trabalho bem feito (Cristiana, 9 jan. 2014).

O mercado fez crescer o número de costureiras que fazem reformas e adaptações de roupas, devido à consolidação da oferta de roupas padronizadas industrialmente (*prêt-à-porter*³), já que as pessoas têm corpos diferentes e as modelagens não atendem a todos os tipos de estrutura corporal. Apesar de os clientes estarem sempre à procura de algo novo, de peças que não sejam iguais, muitos modificam roupas compradas e/ou já usadas, não apenas por serem ou estarem grandes ou pequenas (em função de aumento ou redução de peso corporal, por exemplo), mas, também, por desejarem destacar suas personalidades e seus gostos nas roupas padronizadas que vestem. Capelassi (2010), Barbosa e Campbell (2006) afirmam que o vestuário implica comunicação e conforto, envolvendo uma relação de apego à peça.

Do ponto de vista tecnológico, as costureiras não possuem grandes inovações, entretanto estão sempre em busca de conhecimento sobre suas atividades e noções de gestão, além de possuírem um conjunto de saberes que as tornam autônomas em seu processo de trabalho.

Já trabalho com costura há 25 anos! Mas eu vim pro Centro em 1990... lembro direitinho que era o Collor que tava no governo e lembro quando dei uma sorte danada que eu tinha acabado de tirar o dinheiro pra comprar uma máquina! Meu marido, na época que a gente tava junto, foi comigo lá em Juiz de Fora comprar essa máquina que eu queria (Maria, 20 nov. 2014).

Maria e Elis sentiram a necessidade de comprar as máquinas industriais já no início de seus trabalhos como costureiras em ateliês. Cristiana, por sua vez, viu essa necessidade apenas quando se mudou para o Centro para trabalhar com suas colegas. Trabalhando em sua residência, utilizava a máquina doméstica, mas afirma que, com a máquina industrial, o trabalho fica mais profissional e mais rápido.

3 A partir do surgimento do *prêt-à-porter* (pronto para vestir), instituído em 1949, na França, por J.C Weill, implementou-se uma dinâmica de disseminação de uma série de modificações na indústria da moda, especialmente a introdução do caráter cíclico e a feitura em larga escala. Entre outras modificações, as dinâmicas propostas pelo *prêt-à-porter* oportunizaram uma rotatividade dos bens de consumo na área da moda, a modificação do sistema de produção para nichos de mercados e não mais para consumidores específicos (como era no caso da alta costura), preços mais acessíveis para produção e comercialização dos produtos, aumento dos processos de transformação e surgimento de novas tecnologias. Esse sistema também contribuiu para a criação e a divulgação de padrões de estilos, modelagens e afins (GRUMBACH, 2009).

MUDANÇAS NO VESTIR E NA LOCALIZAÇÃO: AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE TRABALHO DAS COSTUREIRAS

Farias afirma que, apesar de a moda lançar a cada estação um novo produto (ou seja, uma nova proposta de roupas), aquelas peças que “saíram de moda” estão ao nosso redor, nos “corpos, museus ou brechós e perduram no tempo e espaço”, mostrando assim que elas têm significado, materializando “recordações, sentimentos e memórias, bem como a relação entre traje, sociabilidade e gênero” (2010, p. 2).

As costureiras trabalhavam em seus domicílios, tendo naturalizado o ofício da costura (e seus conhecimentos), por terem-no aprendido com algum membro da família. Seguindo a lógica de que as roupas possuem significado e um sentido social para aquele que as veste, quando elas abrem seus ateliês, passam a cobrar por seus serviços e têm um espaço para seu trabalho, a forma como elas e a sociedade encaram essa ocupação torna-se significativa.

O capital tem sabido se apropriar das experiências que as mulheres trabalhadoras trazem das suas atividades realizadas na esfera do trabalho reprodutivo, do trabalho dentro de casa, e tem se apropriado da versatilidade e da multifuncionalidade do trabalho feminino decorrentes desses afazeres (NEVES, 2013).

Quando as costureiras iniciaram o trabalho de consertos, acompanharam as grandes mudanças na fabricação das roupas. Destaca-se, nesse sentido, a abertura dos portos na década de 1990, no Governo Collor. As roupas advindas da China tiveram nesse contexto grande destaque no comércio de vestuário, e grandes *magazines* aproveitaram essa oportunidade para ampliar ainda mais sua empresa e seu público consumidor.

Primeiro nós compramos o carro e depois compramos a máquina, e foi uma sorte que uns dias depois o Collor prendeu nosso dinheiro todinho... imagina se eu não tivesse a máquina pra trabalhar. Eu pensei que fosse ficar sem cliente, porque tava todo mundo sem dinheiro né? Mas aí as pessoas começaram a me procurar pra fazer conserto, e muito conserto, e depois parece que ficou mais fácil de comprar roupa, todo mundo achava roupa fácil, ia lá em Belo Horizonte comprar roupa nessas lojas maiores, sabe? Aí traziam pra mim, eu fazia uma bainha nas roupas novas e um cerzido na roupa velha (risos), era assim o dia todo, e quando eu vi que as pessoas só queriam consertar a roupa, eu achei bom demais, que o dinheiro entra mais rápido e não fico lutando e pelejando com aquela peça a vida toda. O conserto é num instantinho, faz e pronto, e o dinheiro tá na mão. E eu pago minhas contas agora só com conserto (Maria, 20 nov. 2014).

Maria e Elis, na década de 1990, viram a oportunidade de abrir ateliês no Centro, para que pudessem ter maior visibilidade em seu comércio. Ali existe uma maior circulação de pessoas, bem como a facilidade em buscar e levar as roupas para serem consertadas. Por ter filhos pequenos ainda, Cristiana preferia ficar em sua residência



e atender aos clientes de seu bairro.

Eu nunca trabalhei com outra coisa! Sempre costurei... antes eu trabalhava em casa... há quinze anos que eu trabalho com conserto para ganhar dinheiro... a gente pega gosto do trabalho... e tem dois anos que eu estou neste ateliê aqui. Antes era assim: ia na casa dos outros pra fazer a roupa, agora que não é assim, tem que ter um ateliê, senão as pessoas não lembram de você, não te vê. Eu não gostava muito de conserto não! Quando eu ficava em casa eu comprava meu pano e fazia minha roupa, lá em casa precisava fazer uma coisa de conserto e só ia amontoando, mas hoje eu só gosto de fazer conserto, mais prático! Já compra a roupa pronta e não precisa pensar muito, é só experimentar... e se não ficar bom, ajusta... isso é rapidinho! Os clientes pararam de pedir pra fazer roupa também, um ou outro às vezes pedia e hoje ainda pede, pede pouco, muito pouco, aí eles foram pedindo só pra consertar, e eu tive que me adaptar né? Pra ganhar meu dinheirinho e poder comprar as coisas pra casa sem depender do marido (Cristiana, 13 nov. 2014).

Por meio de pesquisa, constatamos que poucos clientes ainda pedem para fazer uma peça de roupa. As costureiras dizem que a facilidade com que os clientes compram peças prontas, que atendam às suas necessidades, diminui as encomendas de confecção da peça inteira.

Hoje eu ganho mais com conserto... aqui no Centro é mais fácil trabalhar! As pessoas veem a gente, vão à loja e já passam aqui para fazer alguma reforma... e antigamente não era assim: era só fazer roupa e compra pano e faz a roupa. E às vezes o cliente era chato e ficava fazendo aquele tanto de prova... com essas lojas de roupa abrindo, uma loja né menina? Muita loja mesmo e preço de tudo que é gosto... aí já vem pronta e a pessoa fica com a facilidade né? De fazer uma bainha ou colocar só uma manguinha ou fechar um pouco as laterais e a gente vai fazendo o que o cliente quer: se ele quer reforma a gente faz reforma, se quer roupa a gente faz! Mas não pode ser roupa elaboradíssima demais, que eu não pego, pra não perder com os outros clientes que querem conserto, que eu ganho mais com isso (Elis, 14 nov. 2014).

Elis é a costureira que aceita pedidos para fazer a peça inteira, mas exige que o cliente faça pelo menos quatro provas, para garantir que a peça atenda ao gosto do cliente. Pela demora na entrega, ela acredita que muitos não querem mais esse tipo de encomenda. As costureiras enfatizam que a forma de trabalhar e as habilidades manual e mental são únicas a cada uma delas, tornando-as singulares. Nesse sentido, de acordo com Keller (2011), quando ocorre alguma mudança social, a identidade do trabalho que é feito manualmente pode ser modificada, porque depende de fatores econômicos e culturais. Assim, a costureira não faz uma peça para a cliente pensando apenas na beleza e em sua identidade, mas, também, em como esse produto será aceito no mercado e se lhe trará lucro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, foi possível concluir que, antes, o ofício de costureira passava de geração em geração, porém, hoje, ele é exercido seguindo cada vez mais uma lógica de mercado, segundo a qual se almeja, além do lucro, a satisfação pessoal e profissional. No entanto, além de nossas entrevistadas buscarem se modernizar, elas ainda visam à qualidade das peças, e não à alta produtividade.

O mercado, as técnicas e o maquinário estão em constante modificação, e apenas o que foi aprendido não basta. Com o passar dos anos, os instrumentos e as técnicas utilizadas na costura foram aprimoradas, as costureiras apresentam esse desenvolvimento em seu ofício. Os saberes e a busca por novas habilidades e conhecimentos são acumulados pelas costureiras, que têm facilidade e domínio em seu trabalho.

Em relação aos conhecimentos adquiridos que envolvem o grupo, há uma transmissão na forma de aprendizagem prática. A aprendizagem se dá no dia a dia, por intermédio da família ou do colega de trabalho, que ensina por meio do exemplo, da ajuda e do olhar na vivência experimentada.

O trabalho multifuncional, entendido como competência, está associado aos trabalhos das costureiras, que entendem todo o processo de produção: da compra do tecido até o produto acabado e pronto para uso. As costureiras em estudo detêm o saber de fazer uma peça por inteiro, considerado como um trabalho artesanal. Ainda assim, observamos uma tendência à separação da atividade e das máquinas, com segmentação.

A partir dos relatos, foi possível perceber que essas mulheres que prestam serviços de ajustes e de customização são costureiras que se adaptaram às novas configurações do “mundo do trabalho”. Elas vislumbraram e encontraram, em seu trabalho, a possibilidade de ajudar financeiramente em casa, a partir do que foi aprendido, primeiramente, com membros femininos das suas famílias e adquirido ao longo dos anos no ofício. Destaca-se também a importância desse trabalho em suas vidas, não somente quanto à manutenção financeira e organizacional de sua casa, mas, também, à sua valorização como pessoas e profissionais e ao reconhecimento pelos seus pares. A todo o momento, em suas falas, gestos e olhares, elas demonstraram o seu amor pela profissão e reverberaram com muito carinho seus aprendizados na costura.

Ao término do presente trabalho, foi possível concluir que as costureiras, além do aprendizado passado pela mãe, tia ou avó, também fizeram curso de corte e costura, na expectativa de realizarem um melhor trabalho. Todavia, as participantes



viram que tais cursos não acrescentaram conhecimento, pois já sabiam o que lhes era ensinado, e afirmaram, portanto, que a prática é a melhor forma de se aprender seu ofício.

O trabalho no ateliê possui características que atendem às expectativas delas, a exemplo da carga horária flexível. Elas também veem de forma positiva o fato de realizarem consertos, ao invés de confeccionarem peças novas, pois isso lhes possibilita um maior número de clientes, com um trabalho mais rápido. A localização de seus ateliês é igualmente estratégica para adquirir mais clientes.

O ofício de costureira é apresentado como uma profissão, não uma forma de possuir uma renda com uma atividade que se realizaria até que elas encontrassem outra maneira de geração de renda. É um modo de sustento, de ser uma mulher economicamente ativa e inserida no mercado de trabalho.

A presente pesquisa não se finaliza aqui, sendo necessário deixar margem para novos estudos sobre o tema, a exemplo da análise sobre a relação do serviço de costura com os consumidores que os buscam e a informalidade no setor da costura em Viçosa (MG).



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lúvia.; CAMPBELL, Colin. (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CAPELLASSI, Carla Hidalgo. **Metodologia projetual para produtos de moda e a sua interface com as tabelas de medidas do vestuário**. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2010.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Entre a igualdade e a distinção**: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GRUMBACH, Didier. **Histórias da moda**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

KELLER, Paulo Fernandes. Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 29-40, 2011.

KOVALSKI, Mara Luciane; OBARA, Ana Tiyomi; FIGUEIREDO, Marcia Camilo. Diálogo dos saberes: o conhecimento científico e popular das plantas medicinais na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8, Campinas, 2011. **Anais...** Rio de Janeiro: ABRAPEC, 2011. Disponível em: https://abrapec.com/atas_enpec/viii/enpec/resumos/R1647-1.pdf. Acesso em: 9 mar. 2023. Não paginado.

LAVE, James; WENGER, Etienne. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University, 1991.

MENEZES, Izabel Dantas de. A cor do invisível: saberes nas experiências educativas organizadas pela central das associações das comunidades de fundo e fecho de pasto da região de Senhor do Bonfim – Bahia. **Educação e Contemporaneidade**, Revista da FAEEBA, Salvador, v. 19, n. 34, p. 97-108, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeaba/issue/view/223/122>. Acesso em: 9 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely F. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25ª ed. revista e atualizada. Petrópolis: Vozes, 2007.

NEVES, Delma Pessanha. Mundo rural e relações de gênero. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (org.). **Mulheres camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013. p. 393-402. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2013/06/mulheres_camponesas_11.pdf. Acesso em: 9 mar. 2023.

NOVAES, Clarissa Alves. Evolução histórica do ofício de costureira e sua configuração em ateliês de costura de Viçosa – MG. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/9963/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2023.



ROSE, Mike. **O saber no trabalho**: valorização da inteligência do trabalhador. São Paulo: Editora Senac, 2007.

SANTOS, Elida. H.. Saber. In: FIDALGO, Fernando; MACHADO, Lucília (ed.). **Dicionário da Educação Profissional**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SANTOS, Ivamilton Nonato Lobato dos. Saberes da tradição na produção de brinquedos de Miriti – patrimônio cultural. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, Sinop, v. 2, n. 2, p. 63-77, 2012.

SANTOS, Madalena Pinto dos. **Encontros e esperas com os arduinos de Cabo Verde**: aprendizagem e participação numa prática social. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004. Disponível em: <http://madalena.pintosantos.googlepages.com/doutoramento><span. Acesso em: 30 de fevereiro de 2015.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, José Carlos Teixeira da. Tecnologia: novas abordagens, conceitos, dimensões e gestão. **SciELO Prod.**, São Paulo, v. 13, n. 1, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-65132003000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 7 jan. 2020.

Recebido em: 2/12/2020

Aprovado para publicação em: 16/03/2023

